
Virada 2012: embriaguez cultural na metrópole

Breves relatos etnográficos sobre a Virada Cultural 2012

Alexandre Pereira, Giancarlo Marques Carraro Machado, Gilberto Geribola Moreno, Guilherme Meneses, Lilian Torres; Luciana Mendonça e Rodrigo Chiquetto



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1394>

DOI: 10.4000/pontourbe.1394

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Edição impressa

Data de publicação: 1 Julho 2012

Referência eletrónica

Alexandre Pereira, Giancarlo Marques Carraro Machado, Gilberto Geribola Moreno, Guilherme Meneses, Lilian Torres; Luciana Mendonça e Rodrigo Chiquetto, « Virada 2012: embriaguez cultural na metrópole », *Ponto Urbe* [Online], 10 | 2012, posto online no dia 28 julho 2014, consultado o 01 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1394> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1394

Este documento foi criado de forma automática no dia 1 Maio 2019.

© NAU

Virada 2012: embriaguez cultural na metrópole

Breves relatos etnográficos sobre a Virada Cultural 2012

Alexandre Pereira, Giancarlo Marques Carraro Machado, Gilberto Geribola Moreno, Guilherme Meneses, Lilian Torres; Luciana Mendonça and Rodrigo Chiquetto

NAU - Cidades



- 1 Jazz, soul, funk e hip hop na Praça da República. Música romântica no Largo do Arouche. Rock na Avenida São João. Performances de Arte Corporal na Rua 24 de Maio. Música erudita no Vale do Anhangabaú. Estátuas vivas no Viaduto do Chá. Samba no Largo São Francisco. Saraus literários no Largo São Bento. Cabaré na Rua Araújo. Música afro na Praça Júlio Prestes. Teatro no Pátio do Colégio. Esta é apenas uma amostra dos eventos que poderiam ser encontrados nos diferentes espaços da região central da cidade entre os dias 05 e 06 de maio de 2012. Referimo-nos aqui ao evento Virada Cultural, organizado

pela Secretaria Municipal de Cultura, que está em sua oitava edição. O evento, que tem 24 horas de duração, inicia-se oficialmente às 18hs do sábado. Nesse período, a cidade de São Paulo, principalmente em sua região central, é tomada por uma série ininterrupta de eventos culturais. As atividades acontecem, na verdade, em toda a cidade, nos CEUs (Centros Educacionais Unificados), nos SESC's (espaços culturais administrados pelo Serviço Social do Comércio) e em alguns teatros, praças e museus por exemplo, mas concentram-se no Centro, onde de poucos em poucos metros se pode assistir a uma apresentação artística diferente.

- 2 Neste ano, o NAU organizou-se para acompanhar o evento em uma incursão coletiva para observar as diferentes atividades e a participação do público que ocupa as ruas do Centro da cidade. Os pesquisadores do NAU dividiram-se em grupos. Um deles, o maior, combinou de encontrar-se na entrada da estação República do metrô. Nesse primeiro momento, acompanhamos a grande agitação que começava na região, com a chegada do final da tarde. A circulação de pessoas pelo metrô, que nesse dia funcionou por 24 horas, era intensa e muitos, como nós, parados próximos às catracas, aguardando a chegada de amigos. Ao encontrarmos todos que tinham combinado de seguir conosco para a Virada a partir da República, iniciamos nossa caminhada de observação.



- 3 Embora cada um dos pesquisadores tenha acompanhado o evento de uma forma particular, circulando por lugares diferentes e em tempos diferentes, pelos menos das 18hs às 00hs do primeiro dia, esse grupo que combinou de encontrar-se no metrô circulou pelos diferentes eventos apontados acima. Outros pesquisadores do NAU participaram de uma atividade alternativa que se aproveitou da Virada Cultural para criar um evento paralelo com apresentações de bandas na região do Parque da Luz. Além disso, outro pesquisador circulou pelas atividades programadas para as regiões na periferia nos CEUs.
- 4 A diversidade de apresentações era grande, porém o que mais chamou a atenção de todos foi a quantidade de pessoas pelas ruas do Centro da cidade. Estimativas oficiais falam em milhões de pessoas. Os espaços que cotidianamente são consagrados aos automóveis, nessas 24 horas são ocupados pelos pedestres, que caminham pelas avenidas bloqueadas em busca das atrações que mais lhes interessam. Diante desse cenário, ao invés de nos concentrarmos na programação, procuramos atentar mais para a movimentação do público. Em meio a grande quantidade de pessoas, alguns parados em frente aos palcos,

outros caminhando pelas diferentes apresentações, havia muitos jovens que passavam gritando e bebendo bastante. Ambulantes ofereciam cervejas em lata e outros garrafas do chamado vinho químico, como descreve Gilberto Geribola Moreno em seu texto. A região central de São Paulo transformou-se assim em um intenso e múltiplo espaço de festa.



- 5 Esse espaço de festa era marcado por suas muitas intensidades, na quantidade e diversidade de atrações e de pessoas participantes, bem como de horas seguidas e ininterruptas fruição. Do lado do público, havia uma grande excitação, que se expressava por meio da expressão corporal (dança ou gesto), da fala, do canto, das diversas formas de encontro e também do excesso. Por volta das 23 horas, três jovens com camisas pretas de bandas de rock já estavam sentados dentro da estação República do Metrô bastante embriagados. Dois deles abraçados encostados em uma pilastra e outro deitado vomitava e parecia ter convulsões. Como acontece em muitas festas, o consumo excessivo de bebidas mostrava-se evidente. A intensa ocupação dos espaços públicos em especial do Centro da cidade de São Paulo em um mega evento promovido pelo poder público municipal, no atual contexto, apresenta-se bastante contraditória, aliás, em relação à forma como se tem efetivado a atual gestão do espaço urbano. Há algum tempo têm surgido notícias sobre uma intensa e rígida regulação do uso do espaço. Está cada vez mais difícil o uso do espaço público para a realização de eventos sociais e culturais em São Paulo. Entre as medidas adotadas, tivemos a proibição das atividades dos artistas de rua, posteriormente revogada devido à péssima repercussão. O controle do ruído, a despeito dos benefícios ao bem estar e à saúde dos cidadãos, também se tornou uma limitação clara em relação a diversas atividades de lazer que envolvem execução de música ao vivo ou mecânica, quer ocorram nas ruas, quer ocorram em bares ou outros espaços privados sem tratamento acústico adequado. No carnaval desse ano de 2012, alguns blocos foram proibidos de sair sem prévia autorização e outros, que tinham autorização, foram dispersos com bombas de gás lacrimogêneo e spray de pimenta, pela polícia, para que a liberação das vias para circulação dos automóveis ocorresse o mais rápido possível. Atualmente, um bar onde ocorria um importante sarau literário, pertencente ao circuito de literatura das periferias de São Paulo, o Sarau do Binho, foi fechado sob alegação de não possuir alvará para funcionamento.



Em outras palavras, ao mesmo tempo em que a Virada Cultural é um evento importante de ocupação do espaço público para a realização de uma série de expressões culturais, ele acontece num momento em que a cidade tende cada vez mais a restringir o uso de seus espaços. Talvez isso explique um pouco, alguns excessos que aconteceram na festa, seja pela embriaguez excessiva de alguns jovens, pela bagunça, por algumas brigas e confusões presenciadas ou divulgadas pela mídia. Pois, apropriar-se da cidade e exercitar a civilidade nesta apropriação não tem sido um exercício estimulado no cotidiano da cidade, cuja escala, também excessiva, não tem sido positivamente equacionada no sentido do favorecimento da circulação, integração e fruição. O tumulto na atividade dos chefes de alta gastronomia no minhocão, cujos pratos eram limitados a algumas centenas de pessoas para um evento para milhões e com muito poucas opções de lugares para refeição são sintomáticos da falta de equacionamento da afluência do público, consequência direta da escala da metrópole. Havia apenas algumas barracas autorizadas na Praça da República e outras próximas ao Largo São Francisco, além de alguns

comércios que mantiveram as portas abertas, mas que estavam todos lotados.



- 6 Pode-se dizer que num contexto de restrição do uso do espaço público e de escassez de atividades culturais, festivas e/ou de encontro livres para a população, a Virada Cultural apresenta-se como uma “embriaguez” cultural, relacionada aos excessos propiciados pelo próprio evento e por sua relação contraditória com o cotidiano da cidade e as políticas públicas municipais. Nos diferentes relatos dos pesquisadores que apresentamos aqui, tentamos mostrar a diversidade de expressões que aconteciam simultaneamente e de modos de usufruir da festa que acompanhamos entre os seus participantes, que, aliás, não eram somente público passivo, mas também performers da própria festa, como deixam transparecer os relatos dos pesquisadores que tocaram em um evento simultâneo e paralelo à Virada.
- 7 Mas não é só isso. Não foi apenas no palco improvisado que o público se tornou performer. Foi também nas múltiplas ações que empreendeu ao longo do evento, desde o próprio movimento das pessoas pelo meio das ruas ou uma pequena apresentação em frente às câmeras do NAU, quando adolescentes cantaram e dançaram “Eu quero tchum, eu quero tcha..”, até as performances mais profissionais de grupos de música ou outros tipos de expressão, não programados. Um elemento a chamar a atenção foi a presença, nesse evento que promove usos não cotidianos do espaço da cidade, de formas expressivas que já fazem parte do dia-a-dia (a despeito da tentativa de repressão) de quem caminha pelo Centro da cidade, como as apresentações de grupos de música “indígena” sul-americana ou as estátuas vivas.
- 8 Cotidiano e extracotidiano se fundem naquilo que está bem definido, na feliz expressão captada por Geribola, como “um dia especial”. Por um lado, a liberação do espaço público para a ocupação das ruas por pedestres e só pedestres; por outro, o controle e centralização das atividades por parte do poder público municipal. Embora não exclusivamente, a programação centrou-se em shows musicais, que, a despeito da diversidade de gêneros oferecida e da presença de outros tipos de expressão artística,

indicam a reprodução de um modelo de grandes eventos na cidade. Apesar dos usos não cotidianos que emergiram, uma parte da programação esteve em sintonia com a apropriação dos espaços públicos feita pelos cidadãos em termos de estilos de vida: rock em frente as Galerias do Rock; saraus literários no Largo São Bento, há muito apropriado para as atividades do hip hop; música africana na Praça Júlio Prestes, onde a presença africana se faz sentir cada vez mais fortemente. Se esses exemplos indicam uma relação com o cotidiano, a temporalidade e o movimento da festa indicam uma apropriação bastante diversa, pois foi notório o aumento do número de pessoas circulando ao longo da noite. Pudemos observar alguns espaços em momentos diferentes, como, por exemplo, as imediações do Teatro Municipal, onde, por volta das 20 hs, circulava-se com folga e, por volta da meia noite, mal se podia ver o chão. Se, no cotidiano, andar no Centro a noite representa perigo, durante a Virada é pura diversão. E é assim nesse equilíbrio tênue entre continuidades e rupturas, controle e liberdade, que se vira uma noite de sábado, em maio, em Sampa.

- 9 Crédito fotos: Luciana Mendonça e Vinícius Spira